

Alemão tenta pular em papamóvel no Vaticano

Incidente na Praça de São Pedro assusta a segurança, mas Papa não percebe. Autoridades descartam atentado

● CIDADE DO VATICANO. Fiéis que acompanhavam a passagem do Papa Bento XVI ontem na Praça de São Pedro, no Vaticano, levaram um susto quando um homem tentou pular no papamóvel. Ele foi imediatamente derrubado por seguranças e imobilizado no chão, em meio a um pequeno tumulto. O Pontífice, que não se feriu, não percebeu a confusão e continuou acenando para o público. Segundo a Santa Sé, o homem, que estava desarmado e cuja identidade não foi divulgada, tem 27 anos e é alemão.

— As autoridades policiais constataram que ele tem problemas emocionais e o encaminharam para um hospital psiquiátrico. Aparentemente, ele não tinha qualquer intenção de ferir o Papa — disse o porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi.

Após o incidente, Bento XVI continuou a tradicional audiência das quartas-feiras normalmente.

Autoridades analisam se houve falha na segurança

Desde os ataques do 11 de Setembro, o Vaticano reforçou a segurança na Praça de São Pedro quando o Papa está presente. Todos os visitantes devem ser revistados pela polícia e passar por detectores de metais para poderem assistir à audiência. Agentes também costumam ficar à paisana na multidão para identificar possíveis atiradores. Em ocasiões especiais como o Natal e a Semana Santa, o esquema é intensificado com a presença de



SEGURANÇAS IMPEDEM o alemão no momento em que ele salta em direção ao papamóvel: susto

atiradores de elite em terraços dos prédios e helicópteros. Todos os hospitais próximos ao Vaticano também são colocados em estado de alerta.

O papamóvel que o Pontífice utiliza nas áreas públicas do Vaticano é descoberto. Em locais fora do Vaticano e no exterior, ele usa veículos cobertos e com vidros à prova de balas. A segurança do Pontífice é feita por guardas suíços e policiais italianos, e pela polícia do Vaticano. A

Praça de São Pedro conta ainda com uma barreira de proteção ao redor da rota por onde o papamóvel trafega entre a multidão.

Segundo as raras informações tornadas públicas sobre a segurança do Papa, cerca de 350 pessoas são encarregadas desta tarefa no Vaticano: 110 membros da Guarda Suíça pontifícia, o Exército particular dos Sumos Pontífices, uma centena de membros da polícia do Vaticano e 140 oficiais,

suboficiais e agentes da polícia italiana.

— É impossível para a segurança garantir de forma absoluta a proteção do Papa. Uma segurança total em torno do chefe da Igreja Católica poderia limitar sua ação pastoral — disse o coordenador da segurança do Vaticano, Enrico Marinelli.

Ontem, segundo as autoridades, ao menos 30 mil pessoas aguardavam Bento XVI na praça. Do veículo, o Papa



NA FOTO da leitora, o flagrante do momento da prisão no Vaticano

acena e abençoa a multidão, mas nunca pára por motivos de segurança.

Segundo fontes do governo italiano, Bento XVI já teria sido alertado várias vezes por autoridades italianas para que passe a usar carros blindados inclusive nos eventos na Praça de São Pedro. O Papa, no entanto, teria rejeitado a proposta, alegando que preferia ficar mais próximo dos fiéis.

As autoridades, agora, investigam como o alemão conseguiu vencer as barreiras de segurança sem ser percebido.

— Ainda não sabemos as falhas que ocorreram no esquema de segurança, mas os policiais estão investigando tudo o que aconteceu — disse Lombardi.

O porta-voz, no entanto, descartou qualquer mudan-

ça no protocolo das cerimônias no Vaticano ou na segurança do Papa:

— Nada sobre isso foi discutido e não acredito em mudanças neste momento. Não vemos necessidade de alterações.

O mais grave incidente no Vaticano ocorreu em 13 de maio de 1981, quando o papa João Paulo II foi atingido por um disparo quando passava no papamóvel pela Praça de São Pedro antes da audiência geral. O Papa ficou gravemente ferido no abdômen. O turco Mehmet Ali Agca foi condenado pelo ataque e ficou detido na Itália até ser transferido para sua pátria.

Desde então, João Paulo passou a usar carros com vidros blindados em todas as suas aparições públicas, inclusive na Praça de São Pedro. ■

Espanha retalia ETA por fim de cessar-fogo

Terrorista que fez greve de fome é mandado de volta ao cárcere em vez de cumprir prisão domiciliar

Priscila Guilayn

Especial para O GLOBO

● MADRI. Um dia depois do anúncio do fim da trégua do grupo separatista basco ETA, o governo espanhol respondeu. O terrorista Iñaki de Juana Chaos, que passou os últimos três meses num hospital de San Sebastián recuperando-se de uma greve de fome de 115 dias, recebeu alta. Mas não foi levado para casa, a fim de cumprir prisão domiciliar, como ficara decidido quando estava à beira da morte. De Juana foi escoltado até a penitenciária de Aranjuez, em Madri.

UE se nega a conversar com representante do Batasuna

Lá, ele passará os próximos 14 meses.

— Uma Justiça vingativa, em função de situações concretas, em momentos determinados, não é uma boa Justiça. Mas, da mesma maneira que De Juana tinha direito de ir para casa, milhares de cidadãos também têm o direito de levantar-se diariamente com tranqüilidade e sair na rua sem pensar que serão assassinados — afirmou Joseba Azkarraga, conselheiro de Justiça do País Basco.

O Partido Popular, da oposi-



UMA AMBULÂNCIA levando o terrorista Iñaki de Juana Chaos chega à penitenciária de Aranjuez, perto de Madri

ção, voltou a atacar o governo, exigindo firmeza, responsabilidade e a retificação da política antiterrorista, além de argumentar que De Juana jamais deveria ter saído da prisão. O presidente do governo espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, respondeu que, com a mesma determinação que tentou um processo de paz,

combaterá a violência do ETA.

— Seja socialista, seja de direita, pense como pense, diante deste assunto, deste desafio, com ou sem trégua, antes ou depois, é preciso apoiar o governo. Eu garanto que não é difícil, porque eu fiz isso estando na oposição e me sinto orgulhoso — contra-atacou Zapatero.

Coincidindo com o anúncio do fim do cessar-fogo, o juiz Baltasar Garzón negou a Arnaldo Otegi, líder do partido Batasuna, ilegalizado em 2003 por ser considerado um braço político do ETA, um pedido de autorização para sair do país. Otegi pretendia viajar para a África do Sul, a fim de participar de uma confe-

rência sobre processos de paz. Garzón alegou não haver garantias de que a viagem se realizaria sem incidentes negativos.

Por outro lado, outros dois membros do ilegalizado Batasuna foram, sem sucesso, a Bruxelas pedir que a União Europeia não dê como interrompido o processo de paz, sustentando que a responsabilidade do fim da trégua é exclusivamente do ETA.

— Não sentaremos para conversar com uma organização como o Batasuna — afirmou Franco Frattini, comissário de Segurança da UE.

Ministro da Justiça diz que vai vigiar nacionalistas

Outra consequência política do anúncio do fim da trégua é que a Ação Nacionalista Basca (ANV) passou a estar, mais que nunca, na mira do governo. Qualquer deslize, a partir de agora, poderá fazer com que a ANV tenha o mesmo destino que o Batasuna: a ilegalidade.

— Estamos muito atentos. Qualquer mudança de atitude que possamos usar como prova de que existe uma conexão entre a ANV e o ETA fará com que apliquemos a lei — ameaçou Mariano Fernández Bermejo, ministro da Justiça. ■

Battisti: advogado denuncia agressão na penitenciária

Ex-integrante de grupo extremista italiano é transferido

Carolina Brígido

● BRASÍLIA. O ministro Celso de Mello, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou ontem a transferência do ex-militante do grupo extremista de esquerda Proletários Armados pelo Comunismo (PAC), o italiano Cesare Battisti, do presídio da Papuda, em Brasília, para a carceragem da Superintendência da Polícia Federal na mesma cidade. O advogado de Battisti pediu a transferência porque seu cliente teria sido agredido por agentes penitenciários. A decisão, no entanto, chegou depois da transferência do italiano.

Desde a semana passada, Battisti já estava alojado em uma das celas da PF. Com a libertação dos presos da Operação Navalha, investigados por fraudar licitações públicas, o local voltou a ser destinado a presos por crimes federais.

O advogado Rogério Marcolini anexou ao pedido de transferência uma ocorrência registrada por Battisti na Polícia Civil. Ele relata que, ao chegar a Papuda, em 16 de maio, dois agentes teriam perguntado por ele. Ao se identificar, foi xingado e chamado de "matador de polícia". Ainda segundo o boletim de ocorrência, teria sofrido agressões físicas. Battisti garantiu ter condições de reconhecer os agressores. Celso de Mello deu razão a Battisti: "A referida *notitia criminis* retrata comportamento inaceitável, por parte de agentes do Estado, caracterizador de possível prática criminosa" (abuso de autoridade). No despacho, Mello determinou que a Polícia Civil esclareça as providências adotadas para apurar o caso.

Battisti foi preso em 18 de março no Rio de Janeiro. Ele foi condenado à prisão perpétua pelo envolvimento em assassinatos cometidos na década de 70 pelo grupo extremista do qual fazia parte. Celso de Mello é relator do pedido de extradição feito pelo governo italiano. ■

Canal exibe agonia de Diana

Família real diz que TV foi 'desrespeitosa'

● LONDRES. Apesar dos protestos da família real, a emissora de TV britânica Channel Four exibiu na noite de ontem imagens da princesa Diana agonizante, momentos após o acidente que causou sua morte em Paris. Os príncipes William e Harry, filhos de Diana, disseram que a decisão foi "um grosseiro desrespeito à memória" de sua mãe.

— Os príncipes estão extremamente frustrados com a decisão do Channel Four de exibir as imagens e são solidários aos britânicos que se sentiram chocados — disse um porta-voz.

O canal decidiu manter a exibição do documentário "Diana: as testemunhas no túnel", que reconstituiu seus

últimos momentos, segundo seus diretores, "por levar em conta o interesse público e não apenas o desejo da família real."

Os príncipes tentaram até o último momento evitar a divulgação das fotos. James Lowther-Pinkerton, conselheiro da família real, chegou a enviar uma carta anteontem apelando à emissora para que mudasse de idéia, depois de assistir ao documentário em sessão privada.

"Essas são as cenas do último momento na Terra da mãe dos príncipes. É uma invasão de privacidade e um momento muito doloroso. Peço novamente que cancelem o programa", diz um trecho da carta.



POLICIAIS observam o carro onde estava a princesa Diana, logo após o acidente

AP/31-8-1997